

ENTRE A MERENDA E O *FEED*: ICONOFAGIA, ALIMENTAÇÃO E FORMAÇÃO DO OLHAR NO INTERVALO ESCOLAR

Isabel Orestes Silveira*

RESUMO: O artigo propõe uma reflexão sobre a alimentação escolar enquanto prática formativa no contexto da cultura digital contemporânea, articulando os campos da educação, da comunicação e da filosofia. Parte-se da constatação de que, para além de sua função nutricional, a merenda escolar integra práticas cotidianas carregadas de sentidos simbólicos, relacionais e educativos. No cenário atual, marcado pela intensificação do consumo de imagens mediado por dispositivos móveis, o ato de comer passa a ser tensionado por novos regimes de visibilidade e de atenção. Amparado no conceito de iconofagia, desenvolvido por Norval Baitello Jr., o texto analisa como o consumo imagético durante o intervalo escolar interfere na experiência do comer, nos processos de formação do olhar e nos modos de convivência entre estudantes do Ensino Médio, reconfigurando formas de presença compartilhada no cotidiano escolar. A partir de uma abordagem qualitativa, de caráter teórico-interpretativo, articulam-se contribuições da filosofia da educação, da psicologia e dos estudos da comunicação com observações empíricas realizadas durante estágio supervisionado em Filosofia em uma escola pública. Argumenta-se que, entre a merenda e o *feed*, produzem-se aprendizagens não intencionais que reconfiguram a relação dos sujeitos com o corpo, o tempo e a experiência sensível, colocando novos desafios para a compreensão da alimentação escolar como prática formativa na cultura digital.

PALAVRAS-CHAVE: Alimentação escolar. Iconofagia. Cultura digital. Formação do olhar. Experiência escolar.

BETWEEN THE LUNCH AND THE *FEED*: ICONOPHAGY, FOOD AND GAZE FORMATION DURING SCHOOL BREAK

ABSTRACT: The article proposes a reflection on school feeding as a formative practice in the context of contemporary digital culture, articulating the fields of education, communication and philosophy. It is based on the observation that, in addition to its nutritional function, school meals integrate daily practices loaded with symbolic, relational and educational meanings. In the current scenario, marked by the intensification of the consumption of images mediated by mobile devices, the act of eating is now tensioned by new regimes of visibility and attention. Based on the concept of iconophagy, developed by Norval Baitello Jr., the text analyzes how the consumption of imagery during the school break interferes in the experience of eating, in the processes of formation of the gaze and in the ways of coexistence among high school students, reconfiguring forms of shared presence in the school routine. From a qualitative approach, of a theoretical-interpretative character, contributions from the philosophy of education, psychology and communication studies are articulated with empirical observations made during a supervised internship in Philosophy in a public school. It is argued that, between the lunch and the *feed*, unintentional learning is produced that reconfigures the relationship of the subjects with the body, time and sensitive experience, posing new challenges for the understanding of school feeding as a formative practice in digital culture.

KEYWORDS: School feeding. Iconophagy. Digital culture. Formation of the gaze. School experience.

* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: isasilveira@mackenzie.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5825-3084>.

Introdução

A alimentação escolar constitui-se historicamente como um dos eixos centrais das políticas educacionais. No contexto brasileiro, articula preocupações nutricionais, sanitárias e administrativas no cotidiano das instituições de ensino. No espaço da escola, a refeição integra a rotina dos estudantes e organiza tempos, fluxos e relações, compondo o cenário no qual se desenvolvem experiências formativas diversas.

No contexto contemporâneo, marcado pela onipresença das mídias digitais e pela intensificação do consumo de imagens, o ato de comer passa a ser tensionado por novos regimes de visibilidade e de desejo. A comida não é apenas ingerida materialmente, mas também visualmente, por meio de fotografias, vídeos curtos, propagandas e conteúdos circulantes nas redes sociais. Nesse cenário, a cultura digital não se caracteriza apenas pela ampliação dos fluxos comunicacionais, mas pela instauração de novos regimes de visibilidade e de atenção que incidem diretamente sobre os modos de percepção e de experiência dos sujeitos.

A intensificação da circulação de imagens, associada à ubiquidade dos dispositivos móveis, contribui para a constituição de uma ecologia sensível marcada pela aceleração, pela fragmentação e pela sobreposição contínua de estímulos. Nesse contexto, olhar deixa de ser um ato pontual e passa a configurar-se como uma prática constantemente mobilizada, disputada e capturada. Tal condição insere os sujeitos, especialmente os mais jovens, em dinâmicas nas quais a atenção é permanentemente solicitada por fluxos imagéticos que operam segundo lógicas de atualização contínua, como aquelas observadas nas redes sociais digitais.

A experiência cotidiana passa a ser configurada por uma temporalidade marcada pela urgência, pela simultaneidade e pela dificuldade de sustentação do olhar, produzindo modos de relação com o mundo nos quais a presença sensível tende a ser tensionada por múltiplas camadas de mediação. No campo educacional, essas transformações colocam desafios significativos para a compreensão dos processos formativos, sobretudo no que se refere àquilo que se aprende para além dos conteúdos curriculares formais.

A escola, enquanto espaço historicamente associado à organização do tempo, da atenção e da experiência, passa a incorporar regimes de visibilidade que escapam ao seu controle direto, mas que atuam de maneira decisiva na constituição das subjetividades. Nesse sentido, torna-se relevante problematizar não apenas o que os estudantes aprendem, mas também como aprendem a olhar, a desejar e a se relacionar com o mundo em um contexto saturado por imagens. É nesse horizonte que a noção de formação do olhar adquire centralidade analítica. Mais do que uma capacidade perceptiva individual, o olhar pode ser compreendido como uma construção histórica, cultural e socialmente mediada, atravessada por dispositivos técnicos, práticas comunicacionais e regimes de visibilidade específicos. Assim, investigar as condições de constituição desse olhar implica considerar as interfaces entre corpo, imagem, tecnologia e experiência, especialmente em contextos cotidianos como o espaço escolar. É

justamente nesse ponto que o conceito de iconofagia se torna particularmente relevante, ao permitir compreender que a formação do olhar, na contemporaneidade, ocorre em meio a dinâmicas nas quais os sujeitos não apenas consomem imagens, mas têm sua atenção e sua experiência sensível continuamente capturadas por elas.

Norval Baitello Jr. (2014) denomina iconofagia o processo pelo qual os sujeitos não apenas consomem imagens, mas passam também a ser por elas simbolicamente devorados, configurando uma dinâmica ambígua que captura o olhar, reorganiza o desejo e interfere na experiência sensível e corporal.

É nesse cruzamento entre alimentação escolar e consumo imagético, compreendido à luz do conceito de iconofagia, que se insere a problemática deste artigo. A partir da experiência de estágio em Filosofia em uma escola pública, durante os intervalos do Ensino Médio, observou-se com frequência estudantes realizando suas refeições enquanto interagem continuamente com seus celulares. O alimento servido, preparado conforme cardápios nutricionalmente balanceados, dividia a atenção com telas que exibiam conteúdos variados, como vídeos, imagens e postagens em redes sociais.

Essa cena cotidiana suscita questões que extrapolam a avaliação nutricional da merenda escolar. Ela aponta para uma tensão entre a experiência do comer e a saturação visual característica da cultura midiática contemporânea, reconfigurando a relação dos estudantes com o alimento, com o corpo e com o próprio ambiente escolar. A escola, tradicionalmente encarregada da formação integral dos sujeitos, vê-se atravessada por práticas comunicacionais que operam de modo silencioso na constituição das subjetividades, especialmente no contexto da adolescência.

Diante disso, o objetivo geral deste artigo é provocar uma reflexão sobre a alimentação escolar enquanto experiência formativa, à luz do conceito de iconofagia, analisando como o consumo de imagens durante o intervalo interfere na relação dos estudantes com a comida e com o próprio ato de comer. Como objetivos específicos, busca-se: (a) discutir a alimentação escolar para além de sua função operacional, compreendendo-a como prática cultural e educativa; (b) explorar o conceito de iconofagia como chave interpretativa do consumo contemporâneo de imagens de comida; e (c) analisar situações observadas no contexto do Ensino Médio que evidenciam a coexistência, e possível conflito, entre merenda escolar e consumo imagético.

O problema que orienta a pesquisa pode ser formulado da seguinte maneira: de que modo o consumo de imagens mediado por dispositivos móveis, durante o intervalo escolar, reconfigura a experiência da alimentação e seus processos formativos no contexto da escola pública?

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho insere-se no campo das abordagens qualitativas, assumindo um caráter teórico-interpretativo que privilegia a articulação entre reflexão conceitual e análise de experiências situadas. Tal escolha fundamenta-se na compreensão de que os fenômenos investigados, particularmente aqueles relacionados à formação do olhar, à experiência sensível e às práticas cotidianas no espaço escolar, não se deixam apreender por procedimentos exclusivamente

mensuráveis, exigindo, ao contrário, abordagens capazes de acolher sua complexidade, sua dimensão simbólica e sua inserção em contextos culturais específicos.

A perspectiva teórico-interpretativa adotada aproxima-se de uma tradição de pesquisa que compreende o conhecimento como construção situada, na qual a experiência não é tomada como dado bruto, mas como campo de problematização e produção de sentido. Nesse horizonte, a análise desenvolvida no artigo não se orienta pela busca de generalizações empíricas, mas pela elaboração de uma leitura crítica das relações entre alimentação, imagem e formação no contexto da cultura digital contemporânea. Trata-se, portanto, de um exercício reflexivo que toma a experiência vivida como disparador de questões teóricas, e não como objeto de sistematização estatística.

As observações mobilizadas no texto derivam de uma experiência de estágio supervisionado em Filosofia realizada em uma escola pública, no contexto do Ensino Médio, com foco particular nos momentos de intervalo escolar. Tais observações não configuram um levantamento de dados estruturado segundo protocolos de pesquisa de campo, mas constituem registros situados da experiência pedagógica, produzidos a partir da inserção da pesquisadora no cotidiano escolar. Nesse sentido, o estágio é compreendido não apenas como espaço de formação docente, mas como dispositivo privilegiado de aproximação com as dinâmicas concretas da vida escolar, permitindo o contato direto com práticas, gestos e modos de relação que constituem o ambiente educativo.

Do ponto de vista epistemológico, essa escolha implica reconhecer o estatuto singular das observações realizadas, situadas entre a experiência e a reflexão, entre o vivido e o interpretado. Em diálogo com perspectivas que valorizam a centralidade da experiência no processo de produção do conhecimento, como as formulações de Larrosa (2002), entende-se que a experiência não se reduz ao que acontece, mas ao que nos acontece, isto é, aquilo que nos atravessa e nos convoca à interpretação. Assim, as cenas descritas ao longo do artigo são mobilizadas como operadores analíticos, capazes de tensionar conceitos e de iluminar aspectos da realidade que, muitas vezes, permanecem invisibilizados nos discursos normativos sobre a escola.

A análise articula, portanto, três eixos principais: (a) a reflexão teórica, ancorada sobretudo nos estudos de Norval Baitello Jr. sobre iconofagia, em diálogo com autores do campo da filosofia da educação, da psicologia e dos estudos da comunicação; (b) a problematização da alimentação escolar enquanto prática cultural e formativa, considerando suas dimensões simbólicas, relacionais e institucionais; e (c) a interpretação de situações observadas no cotidiano do intervalo escolar, especialmente no que se refere à presença de dispositivos móveis e ao consumo simultâneo de imagens durante o ato de comer.

Essa articulação entre teoria e experiência não pretende estabelecer relações de causalidade direta nem oferecer explicações totalizantes dos fenômenos observados; busca, antes, abrir um campo de reflexão no qual diferentes dimensões - sensíveis, culturais, comunicacionais e subjetivas - possam ser pensadas de forma integrada.

Ao assumir esse posicionamento, o artigo inscreve-se em uma perspectiva que reconhece o caráter formativo das práticas cotidianas e a importância de problematizar aquilo que se aprende para além das intencionalidades pedagógicas explicitadas nos currículos. Dessa forma, a opção metodológica adotada sustenta-se na aposta de que a análise de experiências ordinárias, como o momento da alimentação no intervalo escolar, pode revelar aspectos relevantes dos processos de formação na contemporaneidade. Ao mobilizar essas experiências como matéria de reflexão, o trabalho busca contribuir para o alargamento do campo de investigação educacional, deslocando o foco para práticas muitas vezes consideradas periféricas, mas que participam ativamente da constituição das subjetividades no contexto da cultura digital.

O artigo organiza-se em duas seções principais: na primeira, discute-se a alimentação escolar enquanto prática formativa e cultural; na segunda, desenvolve-se o conceito de iconofagia, aplicando-o à análise das práticas observadas no intervalo escolar.

A alimentação escolar como prática formativa e cultural

Apesar de seu lugar central nas políticas educacionais, a alimentação escolar tem sido tratada, no campo pedagógico, predominantemente a partir de parâmetros nutricionais e sanitários, vinculando-se às agendas de combate à fome e de promoção da saúde. Embora tais dimensões sejam fundamentais, uma análise restrita ao aspecto biológico revela-se insuficiente para compreender o alcance educativo do ato de comer no cotidiano da escola. Esse recorte tende a secundarizar a dimensão simbólica, relacional e formativa implicada nas práticas alimentares vivenciadas pelos estudantes.

No espaço escolar, a alimentação configura-se como fenômeno social situado, atravessado por valores, hábitos, normas e afetos que participam ativamente dos processos de formação dos sujeitos. O momento da merenda, geralmente situado fora do tempo formal de aula, constitui um espaço privilegiado de vivência, no qual se produzem aprendizagens implícitas relacionadas ao corpo, ao cuidado, à convivência e ao uso do tempo. Comer na escola envolve não apenas a ingestão de alimentos, mas também a partilha de espaços, a negociação de ritmos, o cumprimento de regras institucionais e a interação com dinâmicas informais de socialização entre pares. Trata-se, portanto, de uma prática cultural que comunica modos de estar junto e de relacionar-se consigo e com os outros.

Essa compreensão da alimentação como prática social e cultural encontra ressonância nas análises de Fischler (1995), para quem o ato de comer envolve sempre uma dimensão simbólica que articula identidade, pertencimento e modos de relação com o corpo. Segundo o autor, os hábitos alimentares não se reduzem a necessidades biológicas, mas configuram sistemas de significação que integram o sujeito a determinados contextos culturais.

De modo complementar, Poulain (2013) enfatiza o caráter socialmente estruturado da alimentação, destacando que as práticas alimentares são atravessadas por normas, rituais e códigos

coletivos que organizam o comer em diferentes contextos. No espaço escolar, tais dimensões tornam-se particularmente visíveis, uma vez que a alimentação ocorre em ambientes institucionalizados, regulados por tempos, regras e formas específicas de convivência.

Ao considerar essas perspectivas, torna-se possível compreender a merenda escolar não apenas como fornecimento de alimentos, mas como prática que participa da constituição de referências culturais e simbólicas dos estudantes, articulando-se aos processos mais amplos de formação.

Essa dimensão formativa da alimentação escolar adquire especial relevância quando situada no contexto da adolescência. À luz da psicanálise winnicottiana, o amadurecimento emocional não é compreendido como um processo linear ou autossuficiente, mas como um percurso que depende fortemente das condições ambientais que sustentam, ou fragilizam a experiência do sujeito. Ainda que Winnicott não se detenha especificamente na adolescência enquanto categoria institucional, sua teoria do amadurecimento permite pensá-la como um período marcado por instabilidades, experimentações e rearranjos subjetivos, que demandam ambientes capazes de oferecer sustentação sem recorrer exclusivamente ao controle normativo (Winnicott, 1971; 1988).

Nessa perspectiva, a escola pode ser compreendida como um ambiente que exerce funções para além da instrução formal, participando da constituição subjetiva dos estudantes por meio de experiências cotidianas nem sempre explicitamente pedagógicas. Winnicott propõe a noção de *ambiente suficientemente bom* para designar contextos capazes de acolher a precariedade própria dos processos de amadurecimento, oferecendo condições simbólicas de cuidado, reconhecimento e pertencimento. A alimentação escolar, enquanto prática recorrente inserida nesse ambiente, participa desse processo ao articular dimensões materiais e simbólicas, tornando-se pedagogicamente relevante independentemente de seu planejamento instrucional.

Entretanto, no contexto contemporâneo, a experiência alimentar no espaço escolar encontra-se marcada por transformações culturais mais amplas. Conforme problematiza Larrosa (2002), vivemos em uma sociedade marcada pela aceleração do tempo, pela saturação de informações, pela hipertrofia da opinião e pela contínua estimulação sensorial, condições que tendem a empobrecer a possibilidade de experiência. Nessa lógica, muitas coisas se passam, mas pouco nos acontece. Essa reflexão revela-se particularmente potente para pensar o cotidiano escolar, incluindo momentos como o intervalo e a merenda, frequentemente tensionados pela presença de dispositivos que disputam a atenção e o olhar dos estudantes. A presença constante de dispositivos móveis, associada à circulação intensiva de imagens, introduz novos regimes de atenção e de desejo no espaço do refeitório, especialmente entre adolescentes. O ambiente escolar torna-se, assim, um espaço de coexistência e, por vezes, de tensão, entre práticas institucionais de cuidado e dinâmicas próprias da cultura digital, que reconfiguram a relação dos sujeitos com o tempo, o corpo e a experiência sensível.

Reconhecer a alimentação escolar como prática formativa implica, portanto, compreendê-la como parte de uma ecologia mais ampla de experiências sensíveis, culturais e comunicacionais. É a partir desse enquadramento que se torna possível problematizar a relação entre alimento, imagem e formação do olhar no contexto escolar. Essa discussão será aprofundada na seção seguinte, por meio do conceito de iconofagia, desenvolvido por Norval Baitello Jr., que oferece uma chave teórica fecunda para analisar as disputas contemporâneas entre o alimento concreto e o alimento-imagem.

Iconofagia, consumo imagético e a formação do olhar no intervalo escolar

A centralidade das imagens na cultura contemporânea tem provocado profundas transformações nos modos de perceber, desejar e experimentar o mundo. No campo da comunicação, diversos autores têm apontado que não se trata apenas de um aumento quantitativo da circulação imagética, mas da consolidação de regimes de visibilidade que organizam a atenção, o tempo e as formas de relação dos sujeitos com a realidade (Baitello Jr., 2014; Debord, 1997). Nesse contexto, a imagem deixa de ocupar uma posição secundária ou ilustrativa e passa a desempenhar papel estruturante nos processos de subjetivação.

Norval Baitello Jr. propõe o conceito de iconofagia para descrever essa relação ambígua entre sujeitos e o universo imagético, na qual ora se devoram imagens, ora se é por elas devorado. A iconofagia não se reduz ao ato de olhar, mas envolve uma dinâmica de incorporação simbólica, na qual as imagens capturam a atenção, modulam o desejo e reorganizam a experiência sensível (Baitello Jr., 2014). O olhar, nesse sentido, deixa de ser apenas uma faculdade perceptiva e torna-se um espaço de disputa, saturação e consumo. Nessa direção, Baitello Jr. (2014, p. 29) aponta que, em determinados regimes de visibilidade, a intensificação do apelo imagético pode conduzir a uma espécie de esvaziamento da corporeidade, convertendo os corpos em superfícies simbólicas, como “máscaras mortuárias e efígies”. Essa reflexão permite problematizar o deslocamento da experiência corporal em contextos marcados pela predominância da visualidade, nos quais o corpo tende a ser secundarizado em favor de sua projeção imagética.

Quando esse fenômeno é articulado ao campo da alimentação, emergem novas camadas interpretativas. Autores como Fischler (1995) e Poulain (2013) já haviam destacado que o comer é sempre um ato cultural e simbólico, atravessado por representações sociais, normas e imaginários. No contexto da cultura digital, contudo, a comida passa também a ser intensamente consumida como imagem: fotografada, exibida e compartilhada antes, ou mesmo independentemente de ser ingerida. Forma-se, assim, aquilo que alguns autores denominam alimento-imagem, no qual o valor simbólico e visual do alimento rivaliza com sua experiência sensorial concreta (Silva; Prado, 2020).

Essa lógica iconofágica incide diretamente sobre os modos de atenção e de desejo, sobretudo entre adolescentes, cuja relação com as imagens se constitui de maneira precoce e contínua por meio de

dispositivos móveis. O consumo imagético, marcado pela rapidez, pela fragmentação e pela sobreposição de estímulos, tende a produzir uma experiência perceptiva acelerada e descontínua, na qual o olhar é constantemente solicitado e raramente sustentado (Crary, 2013). Nessa dinâmica, o tempo do comer que supõe pausa, presença e envolvimento sensorial, é tensionado pela temporalidade do *feed*, caracterizada pela sucessão ininterrupta de imagens.

No espaço escolar, especialmente durante o intervalo, essas transformações tornam-se visíveis de modo exemplar. O intervalo constitui um momento relativamente desvinculado do controle pedagógico direto e, por isso mesmo, um espaço privilegiado de observação das práticas culturais juvenis. As cenas observadas indicam que o ato de se alimentar ocorre, frequentemente, de maneira simultânea ao consumo de imagens em dispositivos móveis, evidenciando uma divisão ou mesmo uma concorrência da atenção entre o alimento concreto e o fluxo imagético. No entanto, mais do que uma constatação geral, a experiência vivenciada no contexto do estágio permite detalhar aspectos dessa dinâmica, tornando visíveis modos específicos de relação entre corpo, comida e imagem no cotidiano escolar.

Durante os intervalos, o espaço do refeitório apresentava-se como um ambiente marcado por ruídos, circulação intensa e encontros entre grupos de estudantes. No entanto, observava-se com frequência um movimento de deslocamento para além desse espaço institucionalmente destinado à alimentação. Muitos alunos deixavam o refeitório para ocupar áreas adjacentes de grande circulação, como escadas, corredores e pisos próximos às paredes, onde se sentavam lado a lado, frequentemente agrupados e encostados, configurando outros modos de apropriação do espaço escolar. Nesses locais, apesar da proximidade física entre os estudantes, a atenção encontrava-se predominantemente dirigida às telas de seus celulares. Em diversos momentos, o gesto de levar o alimento à boca era interrompido ou desacelerado pela interação com o dispositivo, seja para visualizar conteúdos, responder mensagens ou alternar entre aplicativos de redes sociais.

Em outras situações, a simultaneidade entre comer e consumir imagens se manifestava de forma quase automática, sem interrupções explícitas. Os estudantes mantinham uma sequência contínua de ações: segurar o alimento com uma das mãos enquanto, com a outra, realizavam movimentos de deslizar na tela, assistir a vídeos curtos ou percorrer rapidamente diferentes conteúdos. Essa coordenação evidencia não apenas um hábito incorporado, mas uma reorganização dos gestos e do próprio ritmo da alimentação, que passa a se articular com a lógica do fluxo digital.

Também foram observadas situações em que a atenção ao alimento parecia secundarizada em relação ao conteúdo imagético. Em alguns casos, por exemplo, porções de comida permaneciam parcialmente intocadas enquanto a interação com o celular se mantinha intensa, sugerindo uma dissociação entre o ato de alimentar-se e a experiência sensível do comer. O alimento, embora presente, deixava de ocupar o centro da experiência, tornando-se um elemento entre outros em um campo de estímulos concorrentes.

Há ainda momentos em que o consumo de imagens incidia diretamente sobre o próprio ato de comer, como quando estudantes compartilhavam fotografias de alimentos, comentavam conteúdos relacionados à comida ou exibiam entre si imagens vistas nas redes sociais. Nessas situações, a comida concreta e a comida-imagem coexistiam de maneira intrincada, produzindo um deslizamento contínuo entre o ver e o ingerir, entre a experiência sensorial e a mediação imagética.

Essas observações, embora situadas e não sistematizadas como dados de pesquisa empírica formal, permitem evidenciar as dimensões da experiência que dificilmente se deixam captar por descrições generalizantes. Elas indicam que o intervalo escolar constitui um espaço no qual se articulam práticas corporais, relações sociais e regimes de atenção mediados por tecnologias digitais, configurando um campo privilegiado para a análise dos processos formativos contemporâneos. Ao tornar visíveis essas microdinâmicas do cotidiano, abre-se a possibilidade de compreender de modo mais profundo como o consumo de imagens atravessa, reorganiza e, por vezes, desloca a vivência da alimentação no contexto escolar.

As cenas descritas permitem tensionar a compreensão do intervalo escolar como espaço não apenas de pausa, mas de produção de modos de atenção e de relação com o mundo. Ao considerar o deslocamento dos estudantes para além do refeitório e a reconfiguração dos gestos relacionados à alimentação, observa-se que o ato de comer deixa de ser uma experiência centrada na presença sensível para tornar-se configurado por regimes de visibilidade próprios da cultura digital.

Nesse sentido, o conceito de iconofagia, desenvolvido por Norval Baitello Jr. (2014, p.30), oferece uma chave interpretativa particularmente fecunda. Ao afirmar que os sujeitos não apenas consomem imagens, mas são também por elas consumidos, o autor aponta para uma dinâmica na qual o olhar é continuamente capturado e reorganizado por fluxos imagéticos. Essa formulação encontra eco na afirmação de Baitello Jr. (2014), ao sugerir que “são hoje as imagens que nos devoram”, instaurando um regime no qual o sujeito se vê progressivamente capturado por uma existência mediada pelo visual. Tal perspectiva permite aprofundar a compreensão da iconofagia como um processo no qual o consumo imagético ultrapassa a dimensão do olhar, incidindo sobre a experiência sensível e reorganizando as formas de presença no mundo.

Nas situações observadas, essa lógica manifesta-se na dificuldade de sustentar a atenção no alimento concreto, que passa a coexistir e, por vezes, competir com o consumo incessante de imagens nas telas dos dispositivos.

A presença simultânea da comida e do fluxo imagético configura, assim, uma experiência atravessada por uma dupla ingestão: enquanto o corpo se alimenta de forma material, o olhar se vê imerso em um regime contínuo de consumo visual. Esse processo pode ser compreendido como uma forma de iconofagia que incide diretamente sobre a experiência do comer, deslocando-a de um campo sensorial integrado para uma dinâmica fragmentada, na qual múltiplos estímulos disputam a atenção do sujeito.

Essa análise pode ser aprofundada a partir da reflexão de Baitello Jr. (2014) sobre a comunicação sensorial, na qual diferentes sentidos - visão, audição, olfato, tato e paladar - articulam-se na constituição da experiência. Ao considerar essa complexidade, torna-se possível compreender que a primazia da visualidade na cultura digital tende a desestabilizar essa integração sensorial, privilegiando o olhar em detrimento de outras formas de percepção, especialmente no contexto do ato de comer.

Tal dinâmica pode ser compreendida, ainda, à luz da análise de Baitello Jr. (2014, p. 41), para quem a visibilidade associada ao consumo tende a converter-se em um preceito dominante, exercendo forte fascínio e orientando escolhas de maneira muitas vezes imperceptível. Nesse cenário, o apelo imagético não apenas captura o olhar, mas também orienta modos de relação com o desejo e com o próprio ato de consumir.

Tal leitura dialoga com a crítica de Guy Debord (1997) à sociedade do espetáculo, na qual as relações sociais passam a ser mediadas por imagens, e com as análises de Jonathan Crary (2013) sobre os regimes contemporâneos de atenção, marcados pela intensificação da vigilância perceptiva e pela redução dos intervalos de descanso. No contexto observado, o intervalo escolar, que poderia constituir um tempo de pausa e de elaboração da experiência, é marcado por uma lógica de continuidade do fluxo, na qual não há suspensão da estimulação, mas sua intensificação.

Ao mesmo tempo, a perspectiva de Jorge Larrosa (2002) permite compreender esse fenômeno em termos de empobrecimento da experiência. Para o autor, a experiência exige interrupção, tempo e disponibilidade para que algo de fato nos aconteça. No entanto, nas cenas descritas, a simultaneidade entre comer e consumir imagens tende a impedir essa abertura, produzindo um tipo de vivência no qual muitas coisas se passam, mas poucas se transformam efetivamente em experiência formativa.

Essa dinâmica torna-se ainda mais significativa quando analisada à luz da teoria winnicottiana. Ao compreender o ambiente como elemento constitutivo dos processos de amadurecimento, Winnicott (1971) permite pensar o espaço escolar, incluindo o intervalo e as zonas informais de permanência dos estudantes, como um campo que oferece, ou não, condições para a sustentação da experiência. Nessa perspectiva, os deslocamentos para escadas, corredores e áreas de circulação não representam apenas escolhas espaciais, mas indicam formas de habitar o ambiente que se articulam a regimes específicos de atenção e de relação com o corpo.

Quando esse ambiente é marcado por uma saturação de estímulos imagéticos que capturam o olhar de maneira contínua, coloca-se a questão sobre que tipo de experiência está sendo sustentada. A noção de “ambiente suficientemente bom”, proposta por Winnicott, pressupõe condições que favoreçam a integração entre corpo, tempo e presença. No entanto, nas situações observadas, a fragmentação da atenção e a simultaneidade de estímulos podem tensionar essa integração, produzindo experiências marcadas mais pela dispersão do que pela sustentação.

Desse modo, as práticas observadas no intervalo escolar permitem compreender que a formação do olhar não se dá apenas em contextos formais de ensino, mas também e, talvez de maneira ainda mais

intensa, nas microdinâmicas do cotidiano, nas quais se articulam corpo, tecnologia, imagem e sociabilidade. Entre a merenda e o feed, opera-se uma pedagogia silenciosa, que ensina modos de ver, de desejar e de habitar o tempo, configurando um campo formativo que desafia as abordagens tradicionais da educação.

À luz das análises desenvolvidas, compreende-se que o consumo de imagens mediado por dispositivos móveis, durante o intervalo escolar, reconfigura a experiência da alimentação ao introduzir uma dinâmica de fragmentação da atenção e de sobreposição de estímulos, tensionando a possibilidade de constituição de experiências sensíveis integradas. Nesse sentido, a hipótese que orientou o trabalho encontra sustentação na articulação entre reflexão teórica e observações situadas, ainda que não se pretenda produzir generalizações, mas contribuir para a problematização dos processos formativos no contexto da cultura digital.

Conclusão

A análise desenvolvida ao longo do artigo permitiu problematizar a alimentação escolar para além de seus aspectos nutricionais e administrativos, compreendendo-a como uma prática cultural e formativa inserida no cotidiano da escola. Ao articular o conceito de iconofagia com a observação das práticas juvenis durante o intervalo escolar, buscou-se evidenciar como o consumo intensivo de imagens, mediado por dispositivos móveis, atravessa silenciosamente a experiência do comer, reconfigurando modos de atenção, de relação com o corpo e de vivência do tempo.

À luz das análises realizadas, compreende-se que o consumo de imagens durante o intervalo escolar não apenas acompanha o ato de se alimentar, mas o reconfigura, introduzindo uma dinâmica de fragmentação da atenção e de sobreposição de estímulos que tensiona a possibilidade de constituição de experiências sensíveis integradas. Nesse sentido, a problemática que orientou o trabalho encontra resposta na constatação de que a alimentação escolar, quando atravessada por regimes imagéticos contínuos, desloca-se de uma experiência potencialmente relacional e sensível para uma vivência marcada pela dispersão e pela simultaneidade.

Entre a merenda e o *feed*, o que se revela não é apenas uma coexistência de estímulos, mas uma disputa simbólica pelo olhar e pela experiência. A temporalidade acelerada e fragmentada do consumo imagético tensiona o tempo do comer, geralmente associado à pausa, à convivência e à experiência sensível compartilhada. Nesse contexto, a alimentação escolar deixa de ser apenas um momento funcional da rotina e passa a constituir-se como espaço privilegiado para observar processos formativos não intencionais, nos quais se produzem aprendizagens sobre o desejo, a presença, a atenção e o modo de estar no mundo.

É importante destacar que, por tratar-se de uma análise teórico-interpretativa articulada a observações situadas no contexto de um estágio supervisionado em Filosofia, este estudo não busca generalizar comportamentos juvenis nem oferecer explicações empíricas exaustivas. Seu alcance reside

na problematização dos sentidos formativos produzidos no cotidiano escolar, mobilizando a experiência observada como disparador reflexivo e não como dado sistematizado de pesquisa de campo. Ainda assim, a articulação entre reflexão teórica e empiria situada permite sustentar a hipótese de que os regimes contemporâneos de visibilidade incidem diretamente sobre a experiência alimentar, reconfigurando os modos de atenção e os processos formativos no espaço escolar.

À luz das contribuições de Baitello Jr., Larrosa, Winnicott, bem como em diálogo com Debord e Crary, argumenta-se que a escola, enquanto ambiente formativo, não opera apenas por meio de conteúdos curriculares explícitos, mas também através de suas práticas cotidianas e dos regimes sensíveis que nelas se instauram. O intervalo escolar, frequentemente considerado um tempo residual ou periférico, mostra-se, assim, um espaço potente de formação, atravessado por dinâmicas culturais próprias da contemporaneidade digital, nas quais o olhar se constitui em meio a disputas constantes por atenção.

Dessa forma, pensar a alimentação escolar como experiência formativa implica reconhecê-la como parte de uma ecologia mais ampla de relações simbólicas, comunicacionais e subjetivas. Tal perspectiva convida a ampliar o olhar pedagógico para dimensões do cotidiano que, embora não formalizadas nos currículos, participam ativamente da formação dos sujeitos. Nesse sentido, abre-se um campo de reflexão para futuras investigações sobre a educação do olhar, a cultura digital e os modos de habitar o tempo e o corpo no espaço escolar, bem como para a construção de práticas educativas que considerem a centralidade da experiência sensível nos processos de formação.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2014.
- CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu, 2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FISCHLER, Claude. **L'omnivore: le goût, la cuisine et le corps**. Paris: Odile Jacob, 1995.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.
- POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da alimentação**. Tradução de Rossana Pavon. Florianópolis: UFSC, 2013.
- WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

*Recebido em: 02 de maio de 2026.
Aprovado em: 16 de junho de 2026.*